

NOVO GOVERNO

Ministério é formado sob queixa de aliados

Montagem do primeiro escalão atendeu a legendas de centro, preterindo partidos menores de esquerda. Construção da base no Congresso foi decisiva para a Esplanada

» VICTOR CORREIA
» VINICIUS DORIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) finalizou, na última quinta-feira, o desenho de nova Esplanada dos Ministérios. No primeiro escalão, o petista acomodou nove dos partidos que declararam apoio ao novo governo durante e após a campanha eleitoral. Mas isso será suficiente para garantir a governabilidade e a aprovação, no Congresso, de pautas de interesse do Planalto? Quem foi contemplado, garante que sim. Quem não, enxerga um horizonte cinzento à frente.

Depois do PT e do PSB, que formaram a chapa presidencial, legendas de centro como União Brasil, MDB e PSD ocupam o maior espaço, com três pastas cada. Com fortes bancadas no Congresso, as legendas que não apoiaram formalmente o então candidato petista na corrida eleitoral desbancaram outras menores, de esquerda, que compuseram a coligação oficial. PSol, PCdoB e Rede ficaram com um ministério cada. Já o PDT, que declarou apoio ao petista no segundo turno, ganhou um modesto quinhão.

Dos 16 partidos que apoiaram Lula nas eleições, ficaram de fora do primeiro escalão PV, Solidariedade, Pros, Avante, Agir, Cidadania, PCB, PSTU, PCO e UP. Segundo a presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), as siglas serão contempladas em cargos como secretarias-executivas dos ministérios, a pedido de Lula. “Vamos começar agora as discussões das composições de segundo escalão, porque nenhum ministério tem a porteira fechada”, assegurou. A escalão deve começar na primeira semana do governo.

Gleisi lamentou, ainda, não ter incluído mais legendas aliadas na Esplanada. “Gostáramos muito que estivessem participando de ministérios, mas, infelizmente, não tinha espaço. A gente sente muito isso, mas vamos procurar contemplar”, explicou.

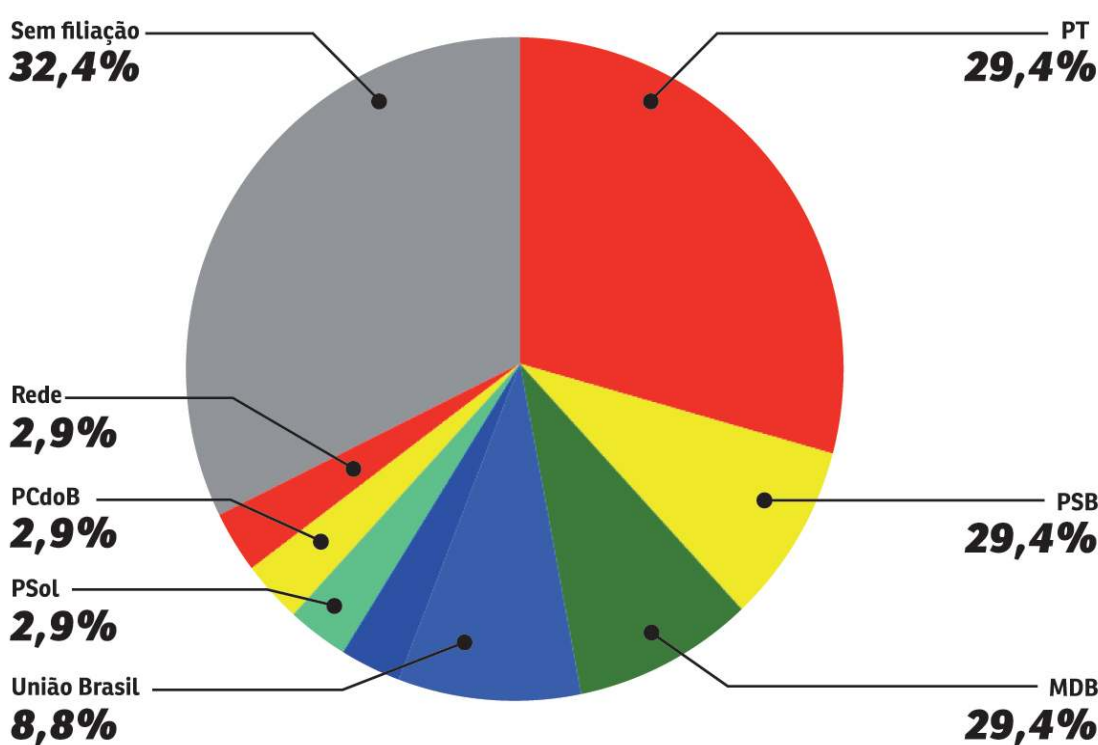
Lula priorizou União, MDB e PSD na composição do primeiro escalão como parte da negociação para formar a base no Congresso. A governabilidade na Câmara e no Senado é uma de suas maiores preocupações desde a campanha, já que parlamentares de centro e de direita são maioria na nova legislatura, que inicia em fevereiro. O partido do agora ex-presidente Jair Bolsonaro, o PL, elegeu a maior bancada entre as siglas.

Somados, os partidos que formam o primeiro escalão do governo Lula têm 282 deputados na Câmara, embora o apoio real tem tudo para ser menor. O presidente do União Brasil, deputado Luciano Bivar (PE), declarou que sua legenda terá atuação “independente” e não se comprometerá em seguir as orientações do Palácio do Planalto.

Para o novo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, senador Carlos Fávaro (PSD-MT), Lula foi “extremamente habilidoso” na montagem do primeiro escalão. “Ele contemplou o arco de alianças da governabilidade com gente comprometida e não tem vergonha da política. Ele sabe quem está comprometido, e quem sabe dialogar são políticos, como ele próprio disse. Mas nós temos a obrigação e o compromisso firmado com ele de que as áreas técnicas serão ocupadas (por especialistas) para que possamos desempenhar o papel político e a boa gestão do governo Lula”, salientou.

O novo ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD-MG), endossa a opinião do

A esplanada lulista



PT — 10 ministros

- Casa Civil
Rui Costa
- Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
Paulo Teixeira
- Ministério do Desenvolvimento Social
Wellington Dias
- Ministério da Educação
Camilo Santana
- Ministério da Fazenda
Fernando Haddad
- Ministério das Mulheres
Cida Gonçalves
- Ministério do Trabalho
Luiz Marinho
- Secretaria das Relações Institucionais
Alexandre Padilha
- Secretaria de Comunicação Social
Paulo Pimenta
- Secretaria-geral da Presidência
Márcio Macêdo

PSB — três ministros

- Ministério de Portos e Aeroportos
Márcio França
- Ministério da Justiça e Segurança Pública
Flávio Dino
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
Geraldo Alckmin

MDB — três ministros

- Ministério das Cidades
Jader Filho
- Ministério do Planejamento e Orçamento
Simone Tebet
- Ministério dos Transportes
Renan Filho

PSD — três ministros

- Ministério da Agricultura e Pecuária
Carlos Fávaro
- Ministério da Pesca e Aquicultura
André de Paula
- Ministério de Minas e Energia
Alexandre Silveira

União Brasil — três ministros

- Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional
Waldez Góes (PDT, indicado pelo União)
- Ministério das Comunicações
Juscelino Filho
- Ministério do Turismo
Daniela Carneiro

PDT — um ministro

- Ministério da Previdência Social
Carlos Lupi

PSol — um ministro

- Ministério dos Povos Indígenas
Sônia Guajajara

PCdoB — um ministro

- Ministério da Ciência e Tecnologia
Luciana Santos

Rede — um ministro

- Ministério do Meio Ambiente
Marina Silva

Sem filiação partidária — 11 ministros

- Advocacia-Geral da União
Jorge Messias
- Controladoria-Geral da União
Vinicius Marques de Carvalho
- Gabinete de Segurança Institucional
General Gonçalves Dias
- Ministério da Cultura
Margareth Menezes
- Ministério da Defesa
José Múcio Monteiro
- Ministério dos Direitos Humanos
Silvio Almeida
- Ministério do Esporte
Ana Moser
- Ministério da Gestão
Esther Dweck
- Ministério da Igualdade Racial
Anielle Franco
- Ministério das Relações Exteriores
Mauro Vieira
- Ministério da Saúde
Nisia Trindade

correligionário e, agora, de ministério. “O presidente pacificou sua base, teve muita sabedoria, e os resultados virão, com certeza”, disse.

Ceticismo

Aliados de Lula, porém, criticam o espaço dado ao Centrão. “Vai dar merda”, previu uma liderança petista, sem meias palavras. O presidente nacional do PSol, Juliano Medeiros, fez um alerta ao futuro presidente: “Uma agenda de centro não é capaz de resolver a crise que

o país vive. Por isso, espero que Lula se mantenha fiel ao programa escolhido na eleição”, observou.

O líder do PT na Câmara, Reginaldo Lopes, prevê problemas na Câmara a partir do ano que vem. “Muito espaço para o Centrão (nos ministérios) e acordos mal costurados. A composição foi muito malfeita, com muitas escolhas pessoais. Uma costura que não representa o Plenário. Nove ministérios para o Centrão é muito. E não tem a ver com o PT, que já tem muito ministério”, criticou.

O cientista político André Rosa discorda do deputado. Para ele, o acordo com MDB, PSD e União Brasil foi “muito bem orquestrado”, pois Lula “terá um vespeiro esperando ele a partir de fevereiro”. Mesmo com a base de apoio, o novo governo deve enfrentar dificuldades com a oposição — sobretudo com o PL.

“Ele (Lula) vai ter que ter muito controle do Orçamento, principalmente na fase da lua de mel, que talvez nem tenha. A coisa ficou muito complicada com os últimos desdobramentos de Bolsonaro”, avalia.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Bolsonaro deixa o Planalto pela porta dos fundos

Felizmente, 2022 terminou mais cedo, no dia 30 de outubro, quando Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito para a Presidência da República pela terceira vez. Neste dia da posse do novo presidente, porém, é impossível fazer uma coluna poética, projetando o futuro. Na verdade, estamos encerrando um ciclo de quatro anos de negacionismo, intolerância, desatinos e marcados por uma pandemia causada por um novo coronavírus, terrível, que ceifou 693.734 vidas e atingiu 35,3 milhões de pessoas.

Na sexta, o presidente Jair Bolsonaro (PL), protagonista deste ciclo de trevas, finalmente falou sobre o frustrado atentado terrorista de sábado passado, em Brasília, quando um homem plantou um explosivo em um caminhão de combustível nas proximidades do Aeroporto de Brasília. Numa live, fez um balanço de seu mandato. Queixou-se de que atitudes de violência política no país são sempre atribuídas a “bolsonaristas”.

George Washington de Oliveira Sousa, o homem preso pela bomba, relatou à polícia que participou de atos antidemocráticos realizados por apoiadores do presidente e que sua intenção era provocar o “caos” por motivação política. Bolsonaro minimizou: “A bomba não chegou a explodir. Hoje em dia, se alguém comete um erro, é bolsonarista. Nada justifica, aqui em Brasília, essa tentativa de ato terrorista na região do aeroporto”, disse.

Os últimos dias foram tensos em Brasília, por causa do radicalismo dos bolsonaristas, inconformados com a eleição de Lula, e de uma onda de suspeitas de bombas em vários pontos da capital. Na quinta-feira à tarde, por exemplo, por causa de uma ameaça de novo petardo, foi interdita uma quadra comercial inteira do Sudoeste, bairro de classe média do Plano Piloto.

Fica nas proximidades do acampamento de bolsonaristas instalados à porta do Quartel-General do Exército e ao lado da quadra residencial dos generais, que agora viraram alvo dos ataques verbais dos partidários de Bolsonaro por se recusarem a dar um golpe de Estado. Nos bastidores, Lula concluiu as negociações com os partidos de centro, MDB, União Brasil e PSol, para dar ao seu governo um caráter de centro-esquerda. O governo Bolsonaro teve três características, nestes quatro anos, todas de natureza autoritária. Primeiro, formou uma gestão bonapartista, com hegemonia dos militares e critérios corporativistas de composição política, em contradição com a ordem democrática.

Depois, com a perda de popularidade por causa da pandemia de covid-19, provocada pelo seu próprio corporativismo, e a volta da inflação, resolveu entregar o governo ao Centrão, garantindo uma ampla base no Congresso. Sentira-se ameaçado pela CPI da Covid no Senado e pelo inquérito das “rachadinhas” da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), além do envolvimento de policiais militares do seu círculo de amigos com a morte da vereadora carioca Marielle Franco (PSol).

Finalmente, com a proximidade da eleição, ao mesmo tempo em que defendia um projeto iliberal para o segundo mandato, recorria a medidas populistas para tentar ganhar a eleição, entre as quais a desoneração dos combustíveis e os empréstimos consignados da Caixa Econômica para os beneficiados pelo Auxílio Brasil. Nesse período, escalou a crise com o Supremo Tribunal Federal (STF) e não escondia a intenção de aumentar e alterar a composição da Corte, para submetê-la aos seus propósitos autoritários.

Ano novo

O legado de Bolsonaro, como disse o vice-presidente Geraldo Alckmin, ao concluir os trabalhos da equipe de transição, é uma tragédia federal. Houve um festival de não-conformidades na Esplanada. As políticas públicas nas áreas sociais, principalmente na Saúde e na Educação, foram descontinuadas. A política ambiental passou a ser desmatar e queimar as florestas, estimular o garimpo ilegal e a expansão da fronteira agrícola na marra, mesmo em áreas de preservação e reservas indígenas.

Os gastos exagerados de Bolsonaro com viagens, muitas para participar de motociatas, foram mantidos em sigilo de 100 anos, assim como todos os assuntos que poderiam comprometer a imagem do governo na opinião pública ou gerar processos judiciais. O presidente deixa um grande déficit social e uma bomba fiscal para seu sucessor, de efeito retardado. Só não explodiu ainda porque a PEC da Transição abriu espaço para evitar o colapso administrativo nesses dois meses e a promessa de adoção de uma nova âncora fiscal, que tranquilize o mercado.

Na última live do ano, Bolsonaro elogiou os militantes que estão acampados à porta dos quartéis, que pedem intervenção militar e reversão do resultado das eleições. O presidente deixou o Palácio do Planalto pela porta dos fundos para não passar a faixa ao presidente eleito Lula. Segundo ele, as manifestações são espontâneas. “Eu não participei desse movimento. Eu me recolhi”, afirmou.

Ao longo da transmissão, embargou a voz algumas vezes, uma das quais quando citou a primeira-dama Michelle Bolsonaro. Suas tentativas de impedir a posse de Lula, inclusive ao pedir a anulação das eleições, fracassaram. Ainda bem. Mas Bolsonaro mantém sua milícia política, armada até os dentes.

Feliz Ano-Novo eleitor, leitora! Diria Carlos Drummond de Andrade: “Para ganhar um Ano Novo / que mereça este nome, / você, meu caro, tem de merecê-lo, / tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, / mas tente, experimente, consciente. / É dentro de você que o Ano Novo / cochila e espera desde sempre.”